

OS MODOS DE FALAR DO ESCRAVO NOS ANÚNCIOS DE JORNAL¹

Marlos de Barros Pessoa
UFPE

1. Introdução

O objetivo deste trabalho é apresentar um levantamento dos modos de falar do escravo nos anúncios de jornal publicados no *Diário de Pernambuco* e no *Diário Novo* entre 1831 e 1848, publicados no Recife. Com esse levantamento pretende-se fazer algumas inferências sobre o uso da língua portuguesa pelo escravo no Brasil e ao mesmo tempo contribuir para a reflexão sobre o português falado na história. Associaremos este estudo a dois outros textos. A um primeiro, publicado no mesmo período num jornal local, onde se comentam certos aspectos da língua falada, atribuindo-os à influência dos escravos; a um segundo, onde identificamos uma variedade da língua portuguesa falada por escravos, dentro de um *continuum* lingüístico, que vai de uma variedade mais antiga até uma variedade urbana em constituição na cidade do Recife naquele período. De um modo geral os estudos sobre a história das línguas se assentam sobre a língua escrita, não só porque as fontes são escritas, mas também porque parte-se da crença de que uma história do oral é algo impossível ou impensável. É óbvio que não se pode reconstituir a fala de épocas anteriores ao surgimento do gravador, mas é possível se fazer algumas reconstruções a partir do conhecimento melhor que se tem hoje do funcionamento da língua falada. Ademais, a história social da língua falada é algo inteiramente possível, desde que se encontrem testemunhos e informações sobre o que se pensava a respeito dessa modalidade numa dada época. Nesse sentido, o levantamento que fizemos se insere perfeitamente dentro dessa história social do português falado pelo escravo, oferecendo pistas para se compreender o uso da língua portuguesa em geral na sociedade brasileira do século XIX.

¹ Trabalho apresentado no III Seminário para a História do Português Brasileiro, realizado na UNICAMP em abril de 1999. Agradeço a Wellington Barbosa da Silva, doutorando em História na UFPE, a cessão do corpus.

2. A alusão à fala nos anúncios

Os anúncios de venda, compra ou fuga de escravos ocupam nas páginas dos jornais brasileiros do século XIX papel de destaque, dada a importância do escravo dentro da economia da época. Pode-se dizer que ele era a mercadoria da qual se gerava toda a riqueza da colônia ou do império. Partindo dessa visão, a procura pelo escravo se revestia de algo extremamente importante. Com a relativa complexidade da sociedade brasileira dentro da qual se insere o surgimento dos jornais, o anúncio escrito passou a ser o meio mais eficaz para divulgar informações sobre os escravos. Nesse sentido, dados minuciosos sobre a singularidade de cada escravo passaram a ser cruciais, porque isso era fundamental tanto para o comércio, quanto para a apreensão dos fugitivos. É aí que entra a informação sobre a fala, numa inspiração no “*shibboleth*” bíblico. Como este tema está contido num estudo das relações mais amplas entre etnias e culturas diferentes, o que ele revela mais especificamente é o contato lingüístico e a aquisição da língua portuguesa por falantes estrangeiros. Revela também o problema das gerações de imigrantes forçados com substituição lingüística ao longo do tempo.

3. Os modos de falar do escravo

No corpus² investigado aparecem mais de trinta diferentes alusões ao modo de falar do escravo. Delas se podem entrever caracterizações que aludem a diferentes aspectos, tais como qualidade da voz, personalidade, habilidade e variação lingüísticas. Fazemos uma distribuição dessas caracterizações de acordo com os aspectos referidos.

Os modos da falar do escravo por categoria

1. Qualidade da voz ou do modo de falar

fala fina
grossa
baixa
alta
mansa
apressada
descançada (?)
falla devagar
quando falla parece ter a boca cheia

2. Personalidade

boçal
ladino
parolento
conversadeira
expressivo
regrista (cheio de regras e prelúdios)
perguntador
mui falador
prolóstico
bem fallante

² O corpus utilizado consta de 342 textos. Os números depois dos anúncios representam a ordem de aparecimento no corpus, que, devido a sua extensão, não pôde ser anexado aqui.

3. <i>Variação</i>	falla mal
fala de sertanejo	não sabe dizer
fala amarinheirado	desembaraçada no falar,
descançado (?)	falla serrada, atravessado (?)
atravessado (?)	
4. <i>Habilidade lingüística</i>	5. <i>outras caracterizações</i>
falla muito bem	quando falla gagueja (bastante gago)
enteligível	sabe contar histórias
boçal	canta bem (cantaroleiro)
ladino	quando falla as mãos em movimento
crioula no falar	quando falla dá um jeito na boca
atrapalhado	costuma olhar para o chão quando falla
	titubeia quando falla

3.1 A ambigüidade das caracterizações

Algumas das caracterizações são ambíguas quanto à sua distribuição dentro das categorias. “falla mança” que incluímos em qualidade da voz, aparece também associada a um escravo do Rio Grande do Norte (anúncio 131 do corpus), mas sem vinculação direta com essa origem; “ladino” e “boçal”, embora tenham na sua origem uma motivação lingüística – domínio ou não da língua portuguesa respectivamente – podem ser incluídas em “personalidade”, porque os termos ganharam ao longo do tempo essa conotação. Observe-se quanto ao uso de *ladino* o seguinte anúncio:

(1) No dia 26 do passado Abril fugio a preta Maria, moça, nação Angola...é bastante ladina por ter vindo muito pequena de sua terra, e de fallas muito baixas... (164)

O fato de a escrava ter vindo desde muito pequena de sua terra justifica sua ladineza, ou seja, não se percebe na sua fala traços de origem. O anúncio (2) reforça essa interpretação. No anúncio (3), entretanto, parece que “ladino” e “boçal de lingoa” podem se combinar, o que evidencia a referência à ladineza como uma atribuição não necessariamente lingüística:

(2) ...O preto he de nome João Peixoto, de nação benguela, ...he muito ladino, e falla muito bem...(31)

(3)...Raimundo. de nação muçambique...ladino, porem de maxavel se faz buçal de lingoa...(30)

No anúncio 324 (4) aparecem “ladino” e “fala muito descançado”.

(4) ...É alto, fala muito descançado, olhos grandes e avermelhados...muito ladino... (324)

A rotulação “descançado” pode estar associada à origem geográfica, como ainda hoje quando se refere à fala no Nordeste³. No anúncio (5) aparece associada a uma escrava de Benguela, mas não é clara a relação com a origem; já em (6) é nítida a pertença geográfica⁴:

(5) Desapareceu no dia ...uma preta escrava – Maria Rita, idade 30 annos, pouco mais ou menos, nação Benguella...falla descansada... (110)

(6) No dia 24 do corrente fugio um escravo....falla baixa e descansada porque é filho do Pará... (140)

3.2 Qualidade da voz

Há rotulações que se referem claramente à qualidade da voz conforme mostra o quadro acima. “fina”, “grossa”, “alta”, “baixa”, “devagar”, “apressada” etc. Esse tipo de rotulação reflete as chamadas *atitudes lingüísticas*, como mostram os estudos dessa área. Entretanto há aí caracterizações ambíguas como em (5), conforme já referido; em (6), em face do tipo de formulação, „baixa“ ficou ambígua quanto à origem geográfica; o curioso é que em (1) essa mesma rotulação poderia estar associada à procedência angolana do escravo.

3.3 Personalidade

Os adjetivos referentes à personalidade⁵ abrem a possibilidade de interpretação das atividades de falar e calar naquela sociedade. Pelo menos “parolento”, “perguntador” e “falador” tinham conotação negativa naquele período. Isto é atestado por outras fontes. Nas devassas da Revolução Pernambucana de 1817, uma das acusações mais comuns a um indivíduo envolvido na revolta era a de ser “fallador”; num jornal recifense da década de 40 do século passado aparece um comentário com o título “os perguntadores”, onde se faz alusão também ao “paroleiro”. Também “regrista” tinha uma conotação negativa como no ditado popular “todo moleque cambado é regrista”, ao que parece comum no século XIX, tal como registrado por Costa (1976:673)⁶. É dada como equivalente a “contador de histórias”, que nos parece ser equivalente a “sabe contar histórias”, incluída na categoria “outras caracterizações”, “prolóstico” é variação de “prog-nóstico” = “pernóstico”.

³ Nascentes (1922:20) se refere ao “falar descansado do sulista” e ao “cantado do nortista”; no corpus levantado não aparece nenhuma vez o adjetivo “cantado”.

⁴ Nos casos em que não é clara a origem, temos a possibilidade de interpretá-los como “qualidade da voz”.

⁵ Sem dúvida, ao analisarmos a personalidade de alguém a partir da fala, estamos de fato no terreno das atitudes lingüísticas.

⁶ “regra” nesse autor significa “palavreado”, “parolagem”.

3.4 Variação

Alguns casos trazem evidente referência à variação geográfica, como já aludimos. Outros exemplos são os casos (7) e (8); há ainda a possibilidade de incluir outros anúncios que se refiram a “descançado” e “atravessado”.

(7) ...he muito conhecido nesta cidade pelo seu desembarço, e por fallar amarinheirado por já ter andado embarcado... (35)

(8) No dia...fugio o cabra Maximiano...tem falla sertaneja... (332)

Em “falar amarinheirado”, que vem acompanhado da explicação “por já ter andado embarcado”, há ainda duas possibilidades de interpretação: ou se trata de alusão à fala nitidamente lusitana ou ao uso de gíria de marinheiros.

3.5 Habilidade lingüística

Todos os adjetivos nesta categoria se referem explicitamente ao domínio ou não da língua portuguesa. Particularmente interessantes são os casos (9) e (10) do corpus, como segue:

(9) ...se for embarcado um negro conhecido...de nação Gabão...falla muito mal...(160)

(10) Manoel, de nação Cabundá...fala mal e muito devagar⁷...(191)

O adjetivo “atrapalhado” aparece em referência ao mesmo escravo do Gabão no anúncio 158, do corpus, estando portanto nitidamente relacionado com o domínio da língua portuguesa. Já a caracterização “falla serrada⁸”, que significava “o que falla mal lingua estrangeira”, vem associada a um escravo originário de Benguela. Em “desembaraçada no fallar” a referência é feita a uma escrava crioula, apontando claramente para o desempenho lingüístico da escrava:

(11) Furtárão, ou fugio, no dia 16 do corrente uma negrinha por nome Maria pequena, muito viva e desembaraçada no fallar, é creoula, de idade de 10 para 11 annos...(92)

Quanto a “atravessado”, a referência no mesmo anúncio à origem caçanje⁹ é nítida:

(12) Fugiu no dia...um escravo de nome Francisco, de nação Cassange, idade de 19 annos, falla ainda atravessado...(268)

⁷ O Aurélio dá “cabundá” como “escravo fujão e dado ao roubo”.

⁸ O Moraes registra o adjetivo com “c”.

⁹ Veja-se o que o dicionário de Aurélio registra no verbete *caçanje*: “Do top. Cassanje. Dialeto crioulo do português falado em Angola... Português mal falado ou mal escrito”.

Aí “falla ainda atravessado” pressupõe uma etapa, o que sugere a idéia de estágios na aquisição do português, como veremos adiante.

3.6 Outras caracterizações

Em “outras caracterizações” incluímos algumas descrições não só curiosas, mas reveladoras da percepção do modo de falar daqueles indivíduos. Particularmente “quando fala parece que tem a boca cheia” ainda é comum ouvir-se quando se descreve o modo de falar de estrangeiros. O anúncio 107 do corpus “quando fala gagueja” é uma incógnita, porque podia se tratar de um escravo em fase de aquisição da nova língua. Nesse sentido o anúncio “titubeia quando fala” é ainda mais revelador de uma fase de aquisição. Por fim, os anúncios (13), (14) e (15) nos revelam algo sobre a história dos gestos que acompanham a fala:

(13) costuma olhar para o chão quando falla (110)

(14) quando falla está effectivo com as mãos em movimento acompanhando as palavras (154)

(15) quando fala dá um jeito na boca (247)

4. O continuum de aquisição do português

Certos tipos de caracterização se prestam bem a uma reconstrução de um *continuum* interlingüístico, como classificou Romaine (1994). Parece evidente que há uma escala na aquisição da língua portuguesa, partindo de dois extremos: *boçal-crioulo*¹⁰. Entre estes dois extremos, temos outras caracterizações. Como o escravo ladino valia mais que o boçal, as referências a essa ladineza são as mais presentes, podendo-se perceber nitidamente a escala da aquisição. “ladino” se refere quase sempre ao escravo vindo de Angola. Parece se referir ao escravo que aprendeu a língua portuguesa como língua estrangeira, como no anúncio (1); crioulo, por outro lado, era o que a aprendeu desde o berço. O *continuum* teria os seguintes estágios:

boçal → um tanto boçal → **ladino** → bastante ladino → tão ladino que parece crioulo → **crioulo**

Têm-se, pois, olhando para esse *continuum*, três estágios importantes no processo de aquisição: boçal, ladino e crioulo. O primeiro indicava a total falta de contato com a língua portuguesa ainda; o segundo revelava as marcas de origem africana na fala; o terceiro representava a geração nascida de pais africanos,

¹⁰ Considerando o português como *target language*, crioulo se refere ao indivíduo que aprendeu essa língua como um falante nativo.

possivelmente ladinos. Com a caracterização “um tanto boçal” percebe-se também um estágio na direção da ladineza. Com “bastante ladino”, por outro lado, deduz-se que havia diferentes níveis de competência no domínio do português como segunda língua. Havia escravos, ao que parece, que tendo aprendido o português, o falavam tão bem que se assemelhavam aos nascidos no Brasil. Estes deviam ser uma minoria. Os crioulos, por fim, quase sempre nascidos na casa do senhor, tinham tudo para aprender bem o português. É possível também que aprendessem um português marcado por fenômenos de reanálise.

5. O que representam lingüisticamente as caracterizações: uma hipótese

Uma pergunta permanece no ar quanto ao que poderiam representar lingüisticamente as rotulações. Ou seja, concretamente, que usos lingüísticos estariam sendo representados por algumas dessas adjetivações? Os anunciantes não pretendiam entrar em detalhes, interessantes ao lingüista, mas não ao povo em geral nem aos capitães do mato. Daí a nossa dificuldade. Mas encontramos um jornal local que atribui aos escravos determinados erros no uso da língua portuguesa, que poderiam nos aproximar de uma hipótese sobre o que representam as caracterizações que aparecem nesses anúncios. No artigo „*a lingoagem bordalenga de muita gente*“, publicado no jornal *O Carapuceiro*, de 19.10.1842, publicado no Recife, aparece um comentário sobre o uso do português local, atribuindo-se os erros aos escravos¹¹. Confiando-se na opinião do autor, três fatos importantes são citados como pertencentes aos erros: o apagamento do „r“ final, o iefismo e a despalatização do //l. Como Cunha (1986) identifica esses fenômenos como inovações do português brasileiro, há uma forte tendência de associá-los à origem africana, confirmando-se a veracidade do que dizia o jornal citado. É possível que esses fenômenos fossem a concretização lingüística de “falar mal” ou “falar serrado”.

Quanto às outras caracterizações, o autor também compartilha das atitudes dos anunciantes sobre a fala local: “*Já não tractarei da prosódia, ou accentuação da voz, pela qual extendem tudo, que deve ser breve, e formam dest’ arte huma lingoagem tão morosa, que enfastia, e quase dá somno... falar tão descançada, e preguiçosamente.*” E classifica a língua falada de “*gerigonça luso-africana*” (*O Carapuceiro*, 58, 19.10.1842:1). Observe-se como a avaliação do jornalista atinge particularmente a prosódia. Essa pois é responsável por muitas formas de classificação da fala do escravo. Observe-se que a rotulação “*descançada*” está associada a alongamento de vogais. Concorrem também para a avaliação da fala nesse aspecto a abertura/fechamento e a elevação/

¹¹ V. Pessoa (1994).

rebaixamento de vogais. Hipercorreções também referidas pelo autor deviam ser cometidas por escravos “parolentos, conversadeiros ou regristas”.

6. Conclusão

Fica claro, portanto, que, em face da abundância de anúncios com rotulações semelhantes em relação à fala do escravo em jornais diferentes do período, havia um consenso de que os escravos, dependendo de sua origem ou tempo de estada no Brasil, falavam com certas características, que se poderiam classificar como variedades lingüísticas originadas da situação do contato ou do grau de aprendizagem da língua portuguesa. Nesse sentido a maneira de rotular a habilidade lingüística de ontem se tornou em parte a maneira de rotular a variação de hoje. Esse parece um fato óbvio, mas ainda não empiricamente demonstrado, como tentamos fazer neste trabalho. Disso deduz-se que pelo menos uma variedade lingüística falada por escravos emerge dessa análise, como já demonstramos em outro trabalho (Pessoa, 1997). As características dessa variedade, à medida em que os escravos vão perdendo o contato com as suas culturas e a entrada de novos escravos no Brasil vai diminuindo, vão se neutralizando, mas deixando a sua contribuição no português local rural e urbano.

7. Bibliografia ¹²

- COSTA, F. A. PEREIRA DA. (1976) Vocabulário Pernambucano. Recife, Governo do Estado/SEC.
- CUNHA, CELSO (1986). Conservação e Inovação no Português do Brasil. O Eixo e a Roda (5). 199-230.
- NASCENTES, ANTENOR (1922). O Linguajar Carioca em 1922. Rio de Janeiro, 1922.
- O CARAPUCEIRO (1983). Edição Fac-similar do Jornal do Pe. Lopes Gama. Recife, Fundação de Cultura Cidade do Recife.
- FERREIRA, AURÉLIO BUARQUE DE H. Novo Dicionário da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Nova Fronteira. 1a. ed. 7a. impressão.
- PESSOA, MARLOS DE B. (1994). “A lingoagem bordalenga de muita gente”: o conteúdo lingüístico de importante fonte para o conhecimento do português brasileiro no século XIX. Lusorama, 25. 70-80

¹² Este trabalho representa a retomada do tema tratado pelo autor em duas outras ocasiões. A primeira em 1993 (Pessoa, 1995), onde se enfocou o problema das atitudes lingüísticas com a possibilidade de interpretação sobre a interferência; a segunda em 1997, onde se ampliou a interpretação dos dados com a reconstituição de uma variedade de escravos num *continuum* de variedades da língua portuguesa. Nas duas ocasiões o corpus era uma pequena amostra de cerca de 30 anúncios. Agora, como se vê, pudemos ampliá-lo consideravelmente.

- PESSOA, MARLOS DE B. (1995). Atitudes e estereótipos lingüísticos de senhores em relação à fala do escravo. Algumas inferências. In: Brauer-Figueiredo, Maria de F. Viegas (org.) (1995). Actas do 4º Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas, realizado em Hamburgo, Alemanha, 1993. Lisboa-Porto-Coimbra. 215-220.
- PESSOA, MARLOS DE B. (1997). Semi-oralidade e formação de uma variedade urbana no século XIX. O caso do Recife, Brasil. Tese de Doutorado inédita. Tübingen.
- ROMAINE, S. Pidgin and Creole Languages. London-New York, Longman. 1994
- SILVA, ANTONIO DE MORAES. (1922). Dicionario da Lingua Portuguesa. Fac-símile da 2a. edição de 1813. Rio e Janeiro. S. A. Lytho-Typographia Fluminense.
